

#ForaMicarla: A Cultura da Convergência na Construção de um Movimento de Protesto Ciberativista Interativo¹

Claudia Juliette do Nascimento Araújo²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A cultura da convergência tem se apresentado como o encontro entre velhas e novas mídias, onde produção e consumo da informação se distribuem horizontalmente, interagindo de maneiras imprevisíveis e surpreendentes, está definida em três pilares: convergência de meios, cultura participativa e inteligência coletiva. O presente trabalho objetiva apresentar a cultura da convergência através da análise do movimento de protesto #ForaMicarla, uma ação coletiva que se construiu entre a virtual e o analógico, simbioticamente, por sujeitos conectados e desconectados, desencadeado no município de Natal/RN no ano de 2011. A metodologia utilizada reuniu métodos etnográficos, netnográficos e documentais de pesquisa, onde foi possível categorizar o movimento de protesto #ForaMicarla como ciberativismo interativo, por se constituir entre o virtual e o analógico dialogicamente.

Palavras-chave: Ação coletiva; movimentos de protesto; ciberativismo interativo.

Introdução

A cultura da convergência é a convivência entre velhas e novas mídias, a reunião entre virtuais e analógicos, onde os atores se cruzam no discurso pelos diferentes canais de comunicação, uma simbiose de meios e sujeitos constituídos em redes sociais híbridas, dando oportunidade para sociabilidades anárquicas, que reúnem desde a feirante local que fala coloquialmente sobre o viú de política na televisão ao internauta indignado que cria eventos de ações coletivas no facebook. A

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Novos Meios e Novas Linguagens, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM,SP.

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Ciências Sociais (UFRN). Realizou trabalho na área de Ciência Tecnologia e Sociedade e em pesquisas relacionada ao ciberativismo em movimentos sociais. Email: claudiajuliette@hotmail.com

rua se configura como um espaço que reúne os sujeitos virtuais e analógicos, que nem sempre podem habitar em ambos os campos devido à exclusão digital.

Um comentário na rua, uma *hashtag* na rede, uma multidão de indignados convergindo em meios para um mesmo ato público o *#ForaMicarla*. A participação de todos os sujeitos com identidade comum em prol de um mesmo objetivo, a cultura da convergência manifesta na construção de um movimento de protesto.

O presente trabalho objetiva a análise desta experiência, tomando como campo empírico o movimento de protesto *#ForaMicarla*, enquanto ação coletiva que manifesta a cultura da convergência da sociedade contemporânea, onde as diferentes mídias coexistem como recurso comunicacional dos sujeitos, multiplicando as possibilidades de relações entre eles no espaço-tempo.

A ágora da participação política contemporânea é interativa, e incorporam sujeitos online e off-line, dialogicamente e simbioticamente, os incluídos e excluídos digitais, uma conversa a partir de novas e velhas mídias.

A metodologia utilizada contou com a netnografia da rede social Twitter, principal plataforma virtual do movimento, a partir do perfil *@XôInseto*, utilizado pelo movimento como recurso estratégico de interatividade, a etnografia do acampamento *#primaverasemborboleta*, ocupação da Câmara Municipal de Nata/RN pelo movimento, descrição densa de atos públicos e pesquisa documental através da coleta de notícias sobre o contexto em jornais locais de grande circulação (Tribuna do Norte e Portal Nominuto). A multiplicidade do método de pesquisa justifica-se pelo objetivo de compreender o movimento *#ForaMicarla* pelo discurso dos diversos atores, a partir de várias mídias, de modo integrado e totalizante, através da vivência dos militantes no espaço analógico e virtual e das notícias veiculadas pela mídia tradicional e independente.

O trabalho foi dividido em dois momentos distintos: no primeiro momento pretendemos apresentar a cultura da convergência, de maneira conceitual, discutindo o que define esta cultura e como ela se manifesta na sociedade contemporânea; no segundo momento, apresentaremos o movimento de protesto *#ForaMicarla* como manifestação desta cultura, mostrando esta ação coletiva a partir das categorias de definição da cultura da convergência.

1.0 Cultura da Convergência: Aspectos teóricos

Seres sociais são essencialmente comunicacionais, e a cultura da convergência versa sobre nosso processo de comunicação no universo contemporâneo, onde o desenvolvimento tecnológico informacional permitiu o a elaboração de novas mídias (sites, blogs e redes sociais), que não extinguiram as velhas mídias (impressos, televisão e rádio), mas ambas coexistem de maneira dialógica e simbiótica, ao passo que são utilizadas pelos sujeitos como recursos de comunicação virtuais e analógicos, de acordo com as possibilidades presentes para cada um deles, permitindo a construção de redes sociais híbridas.

Henry Jenkins (2009), em sua obra “A Cultura da Convergência”, situa esta em três pilares: convergência de meios, cultura participativa e inteligência coletiva. Um novo paradigma de comunicação entre os sujeitos, interativo, dialógico, imprevisível e surpreendente.

Por convergência de meios compreendemos o fluxo de conteúdo em múltiplas plataformas de comunicação, sejam estes virtuais ou analógicos. Jornal impresso, televisão, rádio, celular, internet, há os que fazem uso de um meio, de vários meios, ou todos os meios, a cultura da convergência considera a relação entre todos estes sujeitos em comunicação através de suas diversas mídias.

A cultura participativa situa a posição de produtor de conteúdo dos sujeitos, pois se as velhas mídias são direcionadas de um para todos; as novas mídias são de todos para todos, dependendo da participação ativa dos sujeitos. A produção da informação se tradicionalmente era produzida por uns e consumida por outros, neste novo paradigma é produzida por todos e consumida por todos. Conteúdos fluindo de vários canais e assumindo formas distintas.

A inteligência coletiva pressupõe a construção de conhecimento compartilhada através do encontro dialógico dos diferentes sujeitos pelas diferentes mídias, “ninguém sabe de tudo, todo conhecimento reside na humanidade” (JENKINS, 2009). A racionalidade que não pode ser produto individual, ganha a possibilidade de ser um produto coletivo, o que não se faz sozinho, se faz coletivamente.

O movimento de protesto *#ForaMicarla* tem seu ápice nesse cenário de cultura de convergência, sendo produto de indignação coletiva com a gestão municipal da então Prefeita Micarla de Souza no município de Natal/RN no ano de

2011. A dinâmica do movimento foi centrada em diversos meios de interatividade virtuais e analógicos, o que permitiu a construção de uma ponte simbiótica e dialogal entre os dois espaços.

Compreender o processo de construção do movimento de protesto *#ForaMicarla* é perceber como o espaço de luta política expressa a cultura da convergência, a dinâmica de participação política dos diferentes sujeitos, através dois diferentes meios comunicacionais. O *#ForaMicarla* nasce na rede de computadores por ação dos conectados (virtual) e ganha as ruas incorporando os desconectados (analógico). O movimento como ação coletiva de sujeitos, corresponde a essa rede social midiaticamente híbrida.

2.0 #ForaMicarla e a Cultura da Convergência

O Município de Natal está inserido no litoral oriental, leste do Estado do Rio Grande do Norte, região nordeste do Brasil e possui o título de capital do Estado. Segundo as informações obtidas com os dados informativos da Prefeitura de Natal (2010, p.19), na época de desencadeamento do *#ForaMicarla* a capital possuía cerca de **806.203** habitantes, sendo **53,01%** mulheres e **46,99%** homens, com faixa etária, na maioria dos casos, entre vinte e vinte nove anos, divididos entre as quatro regiões administrativas, correspondendo a **307.968** habitantes na Região Norte, **163.385** habitantes na Região Sul, **119.259** habitantes na Região Leste, e, por fim, **215.580** habitantes na Região Oeste .

Micarla de Souza, do Partido Verde, foi eleita Prefeita do Município de Natal em 2008, com 50,84% dos votos válidos contra 36,83% de Fátima Bezerra, do Partido dos Trabalhadores³. A Prefeita, na época de sua eleição, possuía uma imagem bastante divulgada, devido seu trabalho a frente da TV Ponta Negra filiada da SBT, com o programa “60 Minutos”.

Entretanto, a gestão da Prefeita Micarla de Souza foi marcada por inconstâncias gerenciais, renovação constante de secretários de primeiro escalão, sucateamento de infraestrutura municipal, descaso com os serviços públicos, e greves constantes.

³ Portal de notícias G1, publicado em 05 de outubro de 2008 às 20h40min.

Segundo pesquisa da Sinduscon/Consult publicada no ano de 2012 o índice de rejeição da Prefeita chega a 94,8%⁴.

Para Doimo (2007, p. 107), no contexto tecnológico informacional das sociedades contemporâneas, os novos espaços públicos de poder comunicativo tornam-se cruciais para questionar os problemas de sub-representação política e desagregação social. A cultura participativa dos canais de participação horizontal e direta, como os suportes virtuais de sociabilidade *Twitter*, *Facebook* e *Orkut*, são utilizados para troca de experiências, ativismo, e compartilhamento de valores éticos-políticos.

Convergingo entre os meios a inteligência coletiva, a discussão começa a ganhar espaço nos suportes virtuais de sociabilidade, os usuários começam a compartilhar informações sobre problemas em seus bairros, dados das contas públicas da Prefeitura de Natal, e a *hashtag* #ForaMicarla entra no ranking dos assuntos mais comentados no *Twitter*. No período que culminou o acampamento do #ForaMicarla, várias categorias estavam em greve na capital, tanto de âmbito Municipal quanto Estadual. Nas redes sociais, a *restag* era #RioGrevedoNorte.

O movimento #ForaMicarla teve três grandes atos públicos que culminaram no #acampamentoprimaverasemborboleta, ápice no movimento, ocupando a Câmara Municipal de Natal/RN por onze dias, um cenário de participação política que expressa a cultura da convergência, através da convergência de meios, cultura participativa e inteligência coletiva. O Acampamento foi instalado no dia sete de junho, com a divulgação da Carta Aberta do Movimento. A *twitcam* XôInseto funcionava ao vivo no pátio da Câmara estendendo a ação do acampamento ao ciberespaço.

Na carta aberta, elaborada coletivamente pelos manifestantes, ficaram expostos a “consciência do dever cívico”, o “repúdio à administração da Prefeita Micarla de Souza”, e a reivindicação prerrogativa máxima de fiscalização dos representantes políticos executivos e legislativos pelo Ministério Público. São reiteradas as evidências de improbidade administrativa da gestão municipal, como: aluguéis e compras com superfaturamento de preços; sucateamento da estrutura

⁴ Notícia publicada no Blog do Jornal da Tribuna do Norte em 09 de Janeiro de 2012 às 16h48min.

municipal; taxas abusivas de transporte público; desmatamento sem criação de áreas verdes; merenda estragada; sucateamento das escolas por irregularidade em licitações de reforma; déficit de vagas na educação primária; terceirização injustificada da saúde; falta de canais de participação popular nos processos orçamentários; nepotismo na administração pública; falta de transparência nas contas públicas; falta de projeto de governo, expressada através da constante renovação de cargos de primeiro escalão, bem como a paralisação e atraso de obras; falta de fiscalização do Plano Diretor, levando a permissão de verticalização onde não seria permitido (a construção dos espigões); falta de pagamento a fornecedores e prestadores de serviço; gastos excessivos em publicidade e propaganda. No mesmo dia começa a ser organizado o abaixo-assinado, pedindo o *impeachment* da Prefeita de Natal, Micarla de Souza.

Se, por um lado, as novas tecnologias permitiram a potencialização da inteligência coletiva para construção do #ForaMicarla, por outro, as práticas tradicionais de confronto político foram oxigenadas, ao passo que, segundo discurso dos próprios manifestantes, “A revolução não será televisionada, ela será ‘retwitada’”.

O meio analógico e virtual caminhavam juntos entre a rede e as ruas, sem ter como dimensionar o início e fim entre eles, mas percebendo ambos como dois eixos que tinham suas particularidades, mas estabeleciam relação direta de extensão, ora em contato, ora separados. Os estudantes construíram o acampamento ao longo dos três atos, a multidão visivelmente se ampliou, com exceção do terceiro ato, que acabou sendo prejudicado pelas condições chuvosas, entretanto, não houve clima que desconectasse os ciberativistas.

O #ForaMicarla se construiu como sujeito político entre a rede e a rua, obtendo expressão política, e ganhou visibilidade com a ação do acampamento. A agregação social foi se ampliando entre os dois meios de comunicação e, ao chegar à ocupação da câmara, se fez a aglomeração de toda a rede social.

Os atos do #ForaMicarla eram conduzidos com os gritos de guerra dos militantes, uma unidade estabelecida no desejo comum. Ao marcharem nas ruas, os manifestantes caminhavam na conquista do apoio público à causa social, os veículos faziam seu “buzinaço” endossando a ação política, os trabalhadores, em frente aos estabelecimentos, confirmavam acenando com as mãos, enquanto eram convidados para luta. Os ônibus apoiavam a manifestação projetando o caminho do movimento

com seus veículos. Ao final do percurso, o retorno para a residência era celebrado com o “pula catraca” ao entrar na condução. As plenárias eram feitas a céu aberto, os estudantes sentavam na rua em círculo e ali mesmo era deliberado em coletivo o futuro do movimento, para onde deveriam seguir, onde terminar, quando seria o próximo passo, qual seria a ação na rua. Tudo era votado em assembleia. As pessoas observavam e percebiam outro fazer político, pouco habitual em nosso modelo “democrático”.

O Acampamento do Movimento Social #ForaMicarla tinha cerca de cinquenta acampados fixos, mas a rotatividade de pessoas no local era constante. Para além dessa existência no plano analógico (“concreto”), existia o acampamento virtual (“abstrato”), representado pela convergência em tempo real do acampamento através da *twitcam*. Os ciberativistas *online*, tanto eram os militantes acampados com seus computadores portáteis e *smartphones*, quanto os demais militantes da rede que auxiliavam na ampliação desta por meio do compartilhamento de informações, divulgando as necessidades do acampamento (alimentos, cobertores, barracas, apoio de outros movimentos e organizações) e convocando mais atores para se fazerem presentes. As exibições em tempo real ficaram conhecidas como TV XôInseto - o perfil do @XôInseto foi estratégico no ciberativismo interativo. Foi criado um *blog*, hospedado na URL: www.primaverasemborboleta.blogspot.com, para que os acampados pudessem divulgar um material mais elaborado do cotidiano do acampamento, para além das exibições em tempo real da *twitcam*.

A comunicação entre o virtual e o analógico era de suma importância para a construção do acampamento, com ela eram mobilizados tanto os recursos, quanto legitimadas as ações, e ampliada a rede de atores. Por meio do monitoramento feito do perfil @XôInseto, no suporte virtual de sociabilidade *Twitter*, durante o período do acampamento, foi possível perceber a dinâmica de participação dos atores no ciberespaço. #SouLíderdo#ForaMicarla era a *hashtag* que manifestava a descentralização do movimento e o modelo de participação direta colocado pelos participantes - diversas pessoas compartilhavam esta *hashtag*. Através do levantamento dos *twetts* foi possível perceber a convergência viral que foi construída pelos participantes. Uma *hashtag* do @Xôinseto era lançada na rede e, por sua vez,

compartilhada para todos os seus seguidores, que transmitiam para seus seguidores, assim sucessivamente, construindo redes de primeira e segunda ordem.

Toda pessoa real impinge em outra ou entra em contato com várias outras pessoas. Isso inclui o fato de que, no modelo as relações sociais correspondentes às conexões entre as pessoas não foram uma cadeia simples ou uma única estrela. [...] O padrão resultante é ligeiramente parecido com uma malha intrincada e é chamado, apropriadamente, de rede.(BARNES, 2010, p.178)

O perfil do *twitter* @XôInseto é colocado em nossa pesquisa como elemento central, pois, apesar de haver outros grupos como @buracosdenatal e @mobilizatanatal, o ciberativismo interativo durante o período do acampamento na câmara se deu através do perfil @Xôinseto, em especial, da TvXôinseto.

Os seguidores do perfil @Xôinseto compõem a rede de primeira ordem. Por estarem diretamente conectados àquele perfil, os seguidores da rede de primeira ordem compõem a rede de segunda ordem. A rede de primeira ordem no período do acampamento possuía cerca de seis mil seguidores. Não há como reconstruir a dimensão da rede total, haja vista o grande número de ordens presentes na malha, mas é possível perceber o alto nível de densidade pela correlação entre os seguidores, ainda assim não chega a ser composta uma conexão de todos com todos (BARNES, 2009).

São claras as diferentes dimensões entre a malha da rede social virtual e a rede social analógica. Na composição da rede social do movimento #ForaMicarla, para construção do #AcampamentoPrimaveraSemBorboleta, na realidade virtual, todos eram ciberativistas, mas nem todos estavam acampados; na realidade analógica, todos estavam acampados mas nem todos eram ciberativistas. Isto foi constatado durante a estada de integrantes do Movimento de Lutas nos Bairros (MLB) no acampamento, ao questionar a uma militante sobre como se incorporou ao movimento, e esta afirmou desconhecer as ações no ciberespaço e ter chegado ao movimento por contato com os acampados. Mesmo “desconectada” virtualmente, conectou-se analogicamente: “*Foi um dos organizador de vocês que ligaram pra um dos organizador da gente pra vim pra cá dá o opoio*”.

Todas as decisões no acampamento eram acordadas em assembleias, estas eram transmitidas em tempo real pela TvXôInseto. Houve monitoramentos com mais de quatrocentos usuários *online*, estes poderiam emitir suas opiniões que eram lidas em assembleia. Os momentos de assembleia eram rituais eficazes, todos os acampados reunidos em círculo - o colorido expressava a pluralidade de correntes políticas dos atores que se faziam presentes - ficavam sentados no chão do pátio da câmara à frente das barracas, e com um *notebook* ao centro, fazendo a transmissão da plenária em tempo real.

Durante as assembleias, eram decididas todas as questões sobre o andamento do acampamento, era feito o levantamento dos acontecimentos do dia, discutido os próximos passos políticos, definida a programação cultural, retiradas as comissões, apresentado o orçamento da alimentação, e declarados os apoios que viabilizaram as alimentações. Toda e qualquer comissão que fosse representar o movimento em alguma reunião não tomava decisões na reunião, ouvia todos os pontos e trazia para discussão nas assembleias do acampamento, nas quais era construído o consenso da escolha a ser tomada.

A comunicação através das mídias sociais durante o acampamento era realizada 24h, seja através da *twitcam*, fazendo a ponte entre o analógico e o virtual, seja através dos compartilhamentos e divulgação de informações. As mídias tradicionais que faziam cobertura do movimento não precisariam nem estar presentes analogicamente para acompanhar as ações. Todos os momentos foram transmitidos, alguns manifestantes colocavam que “a revolução não será televisionada, ela será transmitida via *twitcam* e depois colocamos no *YouTube*”. O movimento compreendia o cenário dos novos meios de comunicação e sua influência à nova prática política. As transformações eram tão evidentes que para grande parte dos manifestantes o cenário era de uma nova cultura política.

Durante o acampamento, as críticas maiores se concentravam no canal local TV Ponta Negra, pela vinculação à Prefeita Micarla de Souza, havendo conflitos em que a entrada da TV na Câmara foi recebida com ataduras na boca e braços cruzados, expressando o silêncio e indiferença dos manifestantes. A emissora transmitia para a população uma imagem do movimento criminalizada, deslegitimando a ação,

colocando os atores como baderneiros e palhaços, utilizando as múltiplas bandeiras presentes para partidarizar politicamente o movimento.

Quanto à gestora Micarla de Souza, se por um lado descredibilizava o movimento que surgiu na rede, por outro, se preocupava com sua imagem naquele universo público, fazendo uso de seu espaço nas mídias sociais para transmitir também sua voz. Em seu *twitter*, a prefeita publicou: “Qualquer pauta de interesse coletivo em Natal recebe minha atenção. Só precisa ser apresentada de forma respeitosa e democrática”.

No cenário midiático nacional, o movimento #ForaMicarla chegou à imprensa no dia treze de junho, seis dias após a ocupação. O Portal UOL foi o primeiro veículo a noticiar a ação política; posteriormente, revistas como Carta Capital e Caros Amigos veicularam notícias sobre o acampamento; entre os jornais, podemos citar o Brasil de Fato. Todos os canais, excetuando-se o Portal UOL, se colocaram nitidamente como de esquerda. No âmbito local, o Portal NoMinuto fez a cobertura geral do evento desde a gênese do acampamento, posteriormente o Jornal Tribuna do Norte. À medida que o acampamento resistia aos conflitos e ganhava visibilidade em suas ações pelo confronto político, os meios de comunicação de massa não podia sustentar o silêncio, então, a disputa política foi se configurando como fato histórico na realidade institucional do município.

O #ForaMicarla não teve o término de suas ações com o desacampar do movimento. As ações continuam, e no mesmo período do acampamento convergiram na construção de outro levante: a experiência dos indignados de Natal sendo transmitida aos indignados de Mossoró. No dia dezesseis de junho, surgiu, em Mossoró, o acampamento #LevantedoElefante, na 12ª DIREED (Diretoria Regional de Educação Cultura e Desporto), reivindicando melhorias à Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) - os discentes estavam em greve desde o dia vinte e seis de maio do corrente ano.

Com o término do #AcampamentoPrimaveraSemBorboleta, um grupo de nove estudantes do movimento #ForaMicarla partiu para Mossoró, aliando-se ao #LevantedoElefante na luta por melhorias na educação. Em entrevista no jornal O Mossoroense, uma das manifestantes declarou “*Se eles acharem que a gente se deu por vencido, se enganaram. A CEI dos contratos de aluguéis foi só o começo, é só*

uma das coisas que a gente tem que investigar”. Os ciclos de confronto não se restringiram a Natal, novos ciclos convergiram a partir da ação do #ForaMicarla; e através da descoberta da força quando unidos em meio a um ciclo de confronto novos ciclos virão.

Conclusões

As análises evidenciaram o indiscutível valor atribuído ao uso dos novos meios de comunicação para participação política, pelas especificidades dos novos canais, que transferem o poder de participação para as mãos do usuário, podendo este participar diretamente na produção e difusão de informação, ao contrário dos canais de comunicação de massa. Entretanto, percebemos também que as mesmas desigualdades sociais de distribuição de capital existentes no meio analógico se refletem no meio virtual, ainda que haja também dimensão educativa no processo de participação no ciberespaço.

O Movimento #ForaMicarla é construído em meio a esse contexto; é uma integração da rede social entre o virtual e o analógico, ao passo que incorpora conectados e desconectados no desenvolvimento de suas ações, ampliando as potencialidades do movimento - plural, horizontal e espontâneo. Tal movimento revelou a possibilidade de novas práticas políticas durante o período de seu acampamento, mostrando o cenário de atuação proporcionado pelos novos meios de comunicação, e preservando as práticas tradicionais de atuação dos movimentos sociais. Fez uma articulação entre o velho e o novo nos repertórios de confronto do agir político, que articula, faz uso da ciência em suas ações, tanto no quesito tecnológico quanto jurídico, optando pela não violência e ações legítimas no estado de direito a comunicação, a manifestação constitucional em nosso país.

Referências

BARNES. J. A. **Redes Sociais e Processos Políticos**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v.1. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo. Paz e Terra. 1999.

DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousiley. **Movimentos Sociais, Internet e Novos Espaços Públicos: O Caso da DH Net**. In: Redes Sociedades e Territórios. 2a Edição. Santa Cruz do Sul. EDUNISC.2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. 2ª Ed. São Paulo. Aleph. 2009.

PREFEITURA DE NATAL. **Dados**. Disponível em <http://www.natal.rn.gov/semurb> Acessado em 22 de outubro de 2010 às 14h30min.

PREFEITURA DE NATAL. **Anuário 2010**. Disponível em <http://www.natal.rn.gov/semurb> Acessado em 23 de outubro de 2010 às 14h30min.